

## Prática Pedagógica uma ferramenta importante para a formação de professores em Angola

Francisco Sérgio Manuel Mabilia \*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0002-4157-7725>

Nelson Miguel Chimbili \*\*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0001-6293-4130>

**Resumo (Português):** O presente artigo apresenta o resultado de uma longa observação realizada em torno das atividades desenvolvidas na cadeira de prática pedagógica para a formação de professores de Língua Portuguesa, ministrada no curso de Ensino de Língua Portuguesa da EPD 1 da ULAN 2 . Para a sua efetivação, partimos do seguinte questionamento: que bases académico-metodológicas devem os estudantes estagiários possuir para exercer melhor as suas tarefas curriculares no PEA? Determinamos os seguintes objetivos, geral: fundamentar sobre as componentes pessoais e não pessoais do Processo de Ensino-Aprendizagem (PEA). Os específicos: i). apresentar reflexões académicas baseadas na observação, no âmbito do estágio, a partir da cadeira de prática pedagógica. li). perceber o grau de motivação dos estudantes após o exercício da atividade de estágio profissional. Baseamo-nos numa metodologia qualitativa, sendo a entrevista com a técnica optada para se colher os dados. Com este trabalho foi possível trazer valiosas reflexões e conceitos tangentes ao PEA da cadeira de prática pedagógica. Foi também perceptível o grau de motivação e satisfação dos estudantes após o estágio, traduzindo claramente a necessidade da vinculação da teoria com a prática.

**Palavras-chave:** Prática Pedagógica; Formação de Professores; PEA.

### Pedagogical Practice: an important tool for teacher training in Angola

**Abstract (Inglês):** This article represents the result of a long observation about the development in the context of the classroom of the subject of pedagogical practice, taught both in the II Cycle and in the Higher Education of teacher training. For its realization, we start with the following question: what academic-methodological bases should the intern students have to better exercise their curricular tasks in the teaching and learning process? We determined the following objectives, general: to present academic reflections based on observation, within the internship, from the subject of pedagogical practice. The specific: suggest guidelines tangent to the components of the teaching-learning process to trainee students. As a bibliographical study, we use methods such as documental study and observation to achieve our objectives. With this work, it was possible to bring valuable reflections and concepts related to the teaching-learning process of the pedagogical practice chair, especially for graduates and/or recent graduates in one of the pedagogical areas.

**Keywords:** Pedagogical Practice; Teacher training; Teaching-Learning Process

---

\* Doutorando em Literacias e Ensino de Português pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga-Portugal. Mestre em Educação, licenciado em ensino de Língua Portuguesa pela Escola Pedagógica do Dundo. Linha de pesquisa Linguagem e Educação

\*\* Mestre em Metodologia de Ensino Primário: Especialidade Ensino da Língua Portuguesa no Ensino Primário pelo ISCED-Benguela, em parceria com Instituto de Educação da Universidade do Minho em Braga, Portugal. Licenciado em Ensino da Língua Portuguesa pelo ISCED-Cabinda. Linha de pesquisa Linguagem e Educação. E-mail: [Nelsonchimbili@hotmail.com](mailto:Nelsonchimbili@hotmail.com)

**Isavu ci ndongusulu: isangala ci n'ciinza muna ulongukwa ku minlongisi mi N'gola.**

**Buku ci m'samu** (Fyote): Libungu benyali limonisa unvutu l'ukenguelelu lu laamba muna m'pwasa bisalu bisalemene muna ikalu ci isavu ci ndongusulu muna longukwu kumi m'longuisi mi mbeembo i cimputu, ilyatusulwa mu ulongukwa ku cimputu kuna EPD/ULAN. Muna lucindusulu lwandi, t'unangukwini muna nzuku-cyuvu: nsimukunu izi nzila zi ndongusulu mbisi ba bana-ba-nzo m'kaanda bu mbelukulu bufweene baka bwinji ba salila bubote bisalu bi ndyatusulu mpangulu i ndongusulu-i'luzaabu? T'uzenguisi biswisi, ci mbundulu: Usundulwa bifwanya bi cibuntu ai bikambwa bubuntu bu mpangulu i ndongusulu-i'luzaabu. Bimpila: i. Umonisa zimbanzeminu lu nzo m'kaanda nsimukunu muna l'ukenguelelu muna mbelukulu, tonina muna ikalu ci isavu ci ndongusulu. ii. Uzimukwa ikunku ci mayanji va m'twala isavu ci m'fyengu lubelukulu. Tu vukemena muna nzila zi m'tindi, mukubá ti Byufu bi umoko bwau bundwenji bu isalu tu solizi muna koywa kundi li usavu. Muna isalu benyaci, tu bakizi twala zimbanzeminu ai mayndu ma lubaambu lu mpangulu i ndongusulu-i'luzaabu muna ikalu ci isavu ci ndongusulu. Tu bakuli ivaandi ikunku ci mayanji ai lusakumunu lu bana ba nzo m'kaanda va m'twala isavu ci lubelukulu, cinsundula cezeze ci m'cinzi u luyobiku lu ntubulu munu ay m'pangulu.

**Bikumu bi Thalú:** Isavu ci Ndongusulu; Longukwa kumi M'longuisi; Mpangulu Ndongusulu-i'luzaab

### Introdução

Em Angola, a prática pedagógica, no contexto do Ensino Superior, é uma cadeira ministrada no terceiro e quarto anos curriculares nos Institutos Superiores de Ciências da Educação (ISCED) e Escolas Pedagógicas (EP), enquanto que no II Ciclo é lecionada na 11.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup> classes. Entretanto, a materialização dos seus objetivos no que concerne aos conteúdos teóricos e práticos depende em grande medida das políticas internas de cada instituição. Dentre vários objetivos que poderiam ser ou que têm sido levantados no âmbito dessa cadeira como i) refletir sobre o que é *ser professor* numa sociedade em constante evolução; ii) contribuir para que os formandos estejam capazes de proceder a uma avaliação fundamentada do aluno, em desenvolvimento, tendo como referência as orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar, Educação Primária, Educação Geral e Educação Secundária, conforme a estrutura constante na Lei de Bases do Sistema da Educação e Ensino em Angola e iii) incentivar os futuros educadores (docentes) a participar e a elaborar trabalhos de investigação, sobre o desenvolvimento e comportamento do aluno, recolhendo e organizando informação que decorre da sua prática.

Nas EP, a prática pedagógica é a principal ferramenta de medição do nível de assimilação dos conteúdos curriculares por parte dos estudantes, ou seja, ela funciona como “*tubo de escape*” dos conhecimentos absorvidos noutras cadeiras, sejam elas teóricas ou práticas, pois nessa cadeira o aluno deixa de ser aluno, passando a ser, também, professor, ou seja, colega dos seus professores.

Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante..

Por esta razão, levantamos as seguintes **questões**: i. que bases académico-metodológicas devem os estudantes participantes possuir para exercer melhor as suas tarefas curriculares no PEA? ii. qual é o grau de motivação dos estudantes após o exercício da atividade de estágio profissional. O presente trabalho segue uma estrutura que apresenta uma fundamentação teórica baseada na revisão da literatura sobre a formação de professores, componentes pessoais e não pessoais do PEA. Seguiu a explicação da metodologia do estudo, análise e discussão do trabalho empírico, as considerações finais e as respectivas referências bibliográficas.

### **1. Formação de professores**

A lei 17/16<sup>1</sup> apresenta no seu artigo 17, alínea d) Subsistema de Formação de Professores, que colocamos no centro desta reflexão, apesar de, no mesmo artigo, estarem presentes outros subsistemas. Cingimo-nos no de formação de professores não como sendo o mais importante de todos, mas sim por estar presente na materialização dos demais. Não deixa dúvidas de que o desenvolvimento exitoso dos seis subsistemas de ensino depende, em grande parte, da qualidade de execução das políticas educacionais de formação de professores. Sobre a eficácia de tais políticas, Flores et al., (2014, p.63) dizem que, traz

o desenvolvimento de profissionais capazes de dar resposta à diversidade dos contextos educativos; a articulação entre o conhecimento do conteúdo e a pedagogia; o papel da investigação na formação profissional; a relação entre a universidade e as escolas, em particular no âmbito da iniciação à prática pedagógica; e a qualidade da supervisão dessa prática.

A formação eficaz do professor é uma mola impulsionadora para a qualidade que tanto almejamos no subsistema do ensino geral. Neste momento, há muitas reflexões e políticas a serem gizadas neste âmbito. Um grande exemplo, é que o governo angolano, no âmbito do Programa Nacional de Formação e Gestão do Pessoal Docente aprovado pelo Decreto Presidencial n.º 205/18, de 03 de Setembro, concedeu bolsas de estudo a alguns professores para a frequência do Mestrado em Metodologias Específicas de Ensino, a fim de que estes possam especializar-se em: Ensino Pré-Escolar, Ensino Primário e I e II Ciclos do Ensino Secundário com a finalidade de, num futuro muito próximo, poderem atuar como: formadores de formadores e supervisores de práticas e/ou estágios. Dizer que a primeira edição desses mestrados já terminou e os novos mestres estão a contribuir significativamente para a formação de quadros do país. Com esse plano

---

<sup>1</sup> De 7 de Outubro - Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino, que estabelece os princípios e as bases gerais do Sistema de Educação e Ensino (LBSEE). Alterada pela Lei 32/20 de 12 de Agosto.

Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante.. do Executivo, nota-se claramente a preocupação e o comprometimento do governo com as causas educacionais.

O modelo de formação de professores em Angola está estruturado em dois níveis: médio e superior. A formação inicial é feita pelos magistérios do II Ciclo do Ensino Secundário. Dentre esses magistérios temos, por um lado, aqueles vocacionados em formar professores para atuarem no Pré-Escolar e Ensino Primário (de 1.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup> classes) e, por outro, temos os que formam professores do I Ciclo do Ensino Secundário. A formação subsequente é da responsabilidade dos ISCED e EP. Estes estabelecimentos têm a responsabilidade de formar professores para atuarem no II Ciclo do Ensino Secundário. Portanto, pelo número reduzido de quadros com título de Mestres e Doutores, muitos licenciados, com elevada competência, formados nos ISCED e EP são recrutados frequentemente para lecionarem em diversos estabelecimentos do Ensino Superior a nível do país.

A observação que temos vindo a fazer sobre o perfil de formação de professores, tanto a nível do ensino médio como superior, mostra que tem havido muita limitação na materialização da componente investigativa, ou seja, os futuros são orientados para abordagens, reflexões e conteúdos voltados, na maior parte, para a sala de aula apenas, sem questionamentos. Por esta razão, a contextualização na operacionalização dos *curricula* tem estado aquém do esperado. Segundo Flores et al., (2014, p.67):

o aluno futuro professor assume um papel ativo na sua formação, que passa pelo envolvimento em projetos de investigação e pelo desenvolvimento de conhecimentos, de técnicas de pesquisa e de atitudes investigativas, bem como de uma postura crítica face ao ensino e às implicações do seu trabalho nos contextos em que trabalha.

Este futuro professor, a ser formado, deve ter a consciência de que o PEA é complexo, mas não há impossibilidades que se possam colocar no mesmo, quando existir vontade de superação por parte deste. Para Garcia (1999), a “formação de professores representa um dos elementos fundamentais através dos quais a didática intervém e contribui para a melhoria da qualidade do ensino” (p. 23). Ora, particularmente, os formandos em ensino de Língua Portuguesa, por esta ser a nossa linha de atuação profissional, é importante que tenham a noção do mosaico social, linguístico e cultural do país, no geral, e da sua província ou localidade, em particular. A par disso, é responsabilidade dos ISCED e/ou EP de levarem reflexões em torno das teorias

Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante..  
linguísticas existentes e quais as aplicadas no PEA, seus impactos na assimilação dos conteúdos pelos alunos, pois esses (os alunos) são considerados o centro de todo o processo.

### 1.1.Componentes do PEA : Componentes Pessoais

Os componentes do PEA estão subdivididos em pessoais e não pessoais. Doravante, passamos a explicar sucintamente os mesmos. São considerados como **componentes pessoais**, o professor e o aluno. Porém, não estando nos componentes pessoais, pelo menos, até agora, não deveríamos secundarizar ou descurar o papel dos pais/encarregados de educação como agentes imprescindíveis para o sucesso do PEA.

Nesta linha de pensamento, defendemos a ideia de que exista uma fusão dialética entre o instrutivo e educativo. De acordo com um artigo anónimo, intitulado “Processo Ensino-Aprendizagem” (s.d.), “o instrutivo é um processo de formar homens capazes e inteligentes. Assim, entendemos por homem inteligente quando, diante de uma situação problema ele seja capaz de enfrentar e resolvê-la” (p.1). Portanto, capacitar a pessoa do professor é/pode promover uma educação de qualidade. Os pais são fundamentais para a formação da personalidade dos alunos, pois a família é a primeira instituição para a socialização do indivíduo e, por sinal, é na família onde as crianças passam a maior parte do seu tempo, daí, a razão de não se ignorar o papel imprescindível que os pais acrescentam ao PEA.

Decerto, a atividade de ensinar, de forma sistemática, recai sobre o professor, este trabalha conta com o apoio de outros intervenientes, em que o mais direto é o aluno, que tem a missão de aprender e/ou assimilar, mas de forma crítica os conhecimentos que lhe são partilhados pelo professor, fazendo com que o ensino e a aprendizagem se constituam num processo inseparável, atualmente entendido como PEA. Portanto, nesta vertente, dispensa-se a ideia de que o professor seja o detentor do conhecimento e o aluno, apenas, um mero receptor de tudo quanto lhe é dito e dirigido pelo professor.

A didática e metodologia de ensino vão comungando com a ideia de que o ensino, no cômputo geral, deveria visar a uma aprendizagem significativa. Pela aprendizagem Pilette (2004) diz que “é um processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir” (p. 31). Portanto, ela passa a ser significativa quando o professor exerce a sua atividade partindo dos conhecimentos que os alunos já trazem, há quem chame isso de ancoragem dos conhecimentos, ou seja, a ponte para obter novas habilidades.

Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante..

Olhando para questões de ensino de Língua Portuguesa em Angola, pensamos que o professor deveria guiar-se em bases sociolinguísticas para que as informações a partilhar aos alunos tenham sustentação sobre aquilo que eles (alunos) já sabem e falam nessa língua, visto que uma das finalidades do ensino de uma língua passam por fomentar as competências linguística e comunicativa.

### **1.2.Componentes do PEA: Componentes não-Pessoais**

Apresentamos, também, de forma sucinta, **os componentes não-pessoais**, dentre os quais: objetivos, conteúdos, métodos de ensino, meios de ensino e avaliação. Os objetivos expressam a finalidade da ação conjunta entre o professor e os alunos. De acordo com Libâneo (2006), “os objetivos antecipam resultados e processos esperados do trabalho conjunto do professor e dos alunos, expressando conhecimentos, habilidades e hábitos (conteúdos) a serem assimilados de acordo com as exigências metodológicas” (p. 119).

Em cada atividade, os objetivos devem abarcar ações educativas e instrutivas visando a formação integral da personalidade do aluno. Os objetivos educacionais costumam ser subdivididos em dois níveis: objetivos gerais e objetivos específicos. “Os gerais expressam propósitos mais amplos acerca do papel da escola e do ensino diante do desenvolvimento da personalidade dos alunos” (Libâneo, 2006, p.121).

A praxe na docência mostra-nos que os mesmos são elaborados ou subtraídos de forma macro, ou seja, são os dos temas/unidades. “Os objetivos específicos de ensino determinam exigências e resultados esperados da atividade dos alunos, referentes a conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções cuja aquisição e desenvolvimento ocorrem no processo de transmissão e assimilação ativa das matérias de estudo” (Libâneo, 2006, p.122).

### **2.Conteúdos de ensino e Métodos de ensino**

Para Tavares (2011, p.67), “os conteúdos de ensino são o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente pelo professor, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida”. Ainda sobre os conteúdos, vale trazer Pilleti (2004) quando diz que “para selecionarmos os conteúdos, precisamos de, em função dos objetivos propostos, considerar aqueles que são mais importantes e significativos para uma determinada realidade e época” (p. 92). Nesta linha de

Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante.. pensamento, o mesmo autor estabelece os critérios que podem ser seguidos na seleção dos mesmos e, aqui, é onde nos vamos cingir: **i) Validade:** critério que vem a orientar que para além de os conteúdos serem dignos de confiança, sejam também representativos e atualizados. Aqui, chama-se a pertinência de os conteúdos serem contextualizados segundo a realidade onde a escola está inserida. **ii) Flexibilidade:** diz que os conteúdos devem estar sujeitos a modificações, adaptações, renovações e enriquecimentos. O professor deve ser um inovador e investigador a cada momento. **iii) Significação:** o conteúdo deve ter relação com a experiência dos alunos. Devem refletir o ambiente social, cultural e geográfico dos alunos. Por exemplo, numa comunidade mineira ou pesqueira, o conteúdo deveria levar os alunos ao melhor entendimento dessas atividades. Aqui, devem ser trazidos dados científicos para se juntar ao senso comum que os alunos já trazem. Fora do critério da não significação, seria que nessa comunidade, trouxessem conteúdos não relacionados com dia a dia dos alunos. **iv) Possibilidade de elaboração pessoal:** refere-se à receção, assimilação e transformação e aprofundamento das informações pelo próprio aluno. Esse critério só será visível se o critério anterior (significação) for executado. E **v) viabilidade:** segundo este critério, deve-se selecionar conteúdos que possam ser assimilados dentro de um determinado tempo e com recursos disponíveis. Uma das qualidades da perícia pedagógica do professor, obviamente, é saber selecionar o conteúdo essencial (Pilleti, 2004).

Portanto, ainda sobre os conteúdos, dada a relevância que se tem dado ao ensino da gramática, pensamos esta área deveria servir como um dos pretextos para o desenvolvimento da consciência linguística dos alunos, e com bases sociolinguísticas, tal como dissemos, levar tanto os professores como os alunos a ganharem espírito de tolerância racial, pois a língua varia de região para região, e também, deveria ser visto como um grande alicerce para aprendizagem de línguas estrangeiras, e não servir tendencialmente como medida de punição aos alunos.

Métodos dizem respeito ao caminho seguido para atingir uma meta. Antes de mais, é importante apresentar a distinção entre metodologia e a didática, visto que, tem sido recorrente algumas reflexões colocando uma no lugar da outra. De referir que ambas estudam os métodos, porém a diferença centra-se no juízo de valor que a didática faz. É da responsabilidade desta, a determinação, em função do objetivo, do conteúdo e do contexto, o método adequado para uma eficaz aprendizagem por parte dos alunos, fazendo valer, neste caso a formação eficaz do professor para lidar com a responsabilidade nele depositada pela sociedade.

Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante..

Baseando-se em Libâneo (1992) como citado em Tavares (2011) entende-se os seguintes critérios de classificação dos métodos de ensino: i) método de exposição pelo professor; ii) método de trabalho independente; iii) método de elaboração conjunta e iv) método de trabalho em grupo. Diante da exposição explicitada, poder-nos-iam questionar qual seria o melhor método? Ora, não existe um método eficaz para todos os cenários possíveis de aprendizagem, cabe ao professor saber selecionar o adequado para a sua aula. Recorda-se uma das frases mais ouvidas é *não importa qual método a utilizar, o mais importante é que os alunos aprendam*, porém recomenda-se que o professor use com muita frequência os métodos ativos, privilegiando, assim, o diálogo com os seus alunos diante dos temas ou problemas levantados.

### 3.Meios de ensino e avaliação

“Por meios de ensino designamos todos meios e recursos materiais utilizados pelo professor e pelos alunos para a organização e condução metódica do processo de ensino e aprendizagem” (Libâneo, 2006, p. 173). São considerados como meios de ensino os equipamentos necessários para as aulas, estamos a falar de quadro, giz, apagador, carteiras, projetor, computador, etc. Esses por estarem sempre na sala, costumam receber nome de meios de ensino permanentes<sup>2</sup>. Podemos, também, apontar: mapas, globo terrestre, programas das disciplinas, dicionário, gravuras, discos, revistas, entre outros.

Diante da vasta lista dos meios de ensino que uma disciplina possa apresentar, caberá ao professor a seleção dos essenciais na sua actividade, visando a aprendizagem significativa. De realçar que tanto a seleção dos métodos de ensino como a seleção/aquisição dos meios de ensino tem sido um verdadeiro desafio aos professores, sendo eles já efectivos ou participantes, uma realidade facilmente observada a nível das nossas escolas. Segundo Pilleti (2004, 190) avaliação pode ser definida como sendo

um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostas nos objetivos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas do planejamento do trabalho do professor e da escola como um todo.

É pensar na evolução e transformação do aluno que a avaliação deve existir. Há um tempo a esta parte, a avaliação tende a ter mais peso de uma punição do que um meio pelo qual os professores deveriam fazer juízo de valor do processo tanto instrutivo e

---

<sup>2</sup> Na realidade local



Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante.. como formativo. Tendo em conta a função, a avaliação pode ser diagnóstica, formativa e sumativa. Avaliação diagnóstica com a função de verificar o conhecimento prévio dos alunos é realizada no início da unidade de ensino. O seu objetivo é verificar se os alunos possuem os conhecimentos e habilidades para iniciarem novas aprendizagens e as possíveis causas de dificuldades recorrentes da aprendizagem. É habitual ser aplicada no começo do ano letivo, uma unidade ou aula. Dá um reflexo ao professor sobre o trabalho a ser desenvolvido aos seus alunos, ou seja, dos seus desafios para com os seus alunos.

Avaliação formativa tendo uma função reguladora ou controladora é realizada durante todo o período letivo. É-lhe atribuído o objetivo de verificar se os alunos estão atingindo as metas previstas e como os resultados estão sendo alcançados durante o processo. Ajuda o professor a tomar novas medidas, se possível, visando sempre aumentar os índices de assimilação dos conteúdos por parte dos seus alunos. Esta avaliação é indispensável em todas as aulas lecionadas pelo professor, pois em tempo real, o professor fica a saber se está, de facto, no caminho desejado ou não. Avaliação sumativa, tendo uma função classificatória, é realizada no final de um período letivo ou de uma unidade de ensino. Visa classificar os alunos de acordo com níveis de aproveitamento, tendo em vista sua promoção de uma classe para outra, ou de um grau para outro. De frisar que, os seus resultados não devem ser esquecidos, só pelo facto de se estar no fim. Os mesmos devem ser mensageiros sobre o que se vai melhorar ou mudar, desde os objetivos, conteúdos, métodos, meios e a própria avaliação na próxima unidade, trimestre, ou ano letivo (Tavares, 2011).

#### **4. Metodologia e Técnicas de coleta de dados**

Definida por Strauss e Corbin (2008) como “uma forma de pensar sobre a realidade social e de estudá-la” (p.17). Este trabalho segue uma metodologia qualitativa. Referindo-se às metodologias desta natureza, Sousa (1997) diz que “elas dão lugar à comunicação e à compreensão entre o sujeito observado e o sujeito que observa, a partir de diálogos abertos, entrevistas e questionários flexíveis, sem uma ordem rígida a seguir” (p.8). Foi necessário recorrer-se, também, a um estudo documental, que nos levou a documentos legislativos ou orientadores como a Lei 17/16, LBSEE, bem como alguns autores que também já se debruçaram sobre a temática.

O presente trabalho tem como **objeto estudo**: PEA da cadeira de prática pedagógica. A pesquisa visa fundamentar sobre os componentes pessoais e não pessoais do PEA. **Específicos**: apresentar reflexões académicas baseadas na observação, no âmbito do

Francisco Sérgio M. Mabiála, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante.. estágio, a partir da cadeira de prática pedagógica; perceber o grau de motivação dos estudantes após o exercício da atividade de estágio profissional. Por métodos entende-se “um conjunto de procedimentos e técnicas para coletar e analisar dados” (Strauss & Corbin, 2008, p. 17).

Utilizamos o método de descrição que, de acordo com Cervo et. al., (2014), “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los” (p. 61). Vale frisar que “o tratamento descritivo constitui uma primeira fase do procedimento, mas não é exclusivo da análise do conteúdo” (Bardin, 2008, p. 37). A nossa análise, a interpretação e a consequente descrição dos fenômenos contidos nos dados terão um pendor qualitativo. O segundo método utilizado foi análise temática, que tem sido utilizado por muitos pesquisadores, sobretudo, os que optam pela abordagem construtivista ou qualitativa. Braun e Clarke (2006) dizem que é utilizado “para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados (p. 6). Possibilita uma gama de flexibilidade aos seus usuários, uma vez que, a análise depende sempre da pergunta de pesquisa e dos objetivos traçados pelo próprio pesquisador. Como técnicas de recolha de dados, primeiro, optamos por **observação** que

é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. (Marconi & Lakatos, 2003, p. 190; 191).

Por seu turno, Cervo et al., (2014) referem que a observação significa “aplicar atentamente os sentidos físicos a um objeto para dele obter um conhecimento claro e preciso. A observação é de importância capital nas ciências. É dela que depende o valor de todos os outros processos” (p.31). Exercendo a docência da cadeira de práticas pedagógicas, utilizamos uma observação participante que “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 193).

Optamos pela **entrevista**, que é definida por Marques (1986), como “uma forma específica de comunicação face-a-face desenvolvida numa relação interpessoal estabelecida com um objetivo concreto associado a um assunto determinado” (p. 33). Uma vez que a nossa participação no processo foi feita de forma ativa, pese embora num

Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante.. tempo curto, a fase inicial da nossa entrevista que (Szymanski, 2008) chama de aquecimento já estava superada, quanto à apresentação pessoal, porém a apresentação dos objetivos das entrevistas foi necessário para se acautelar as questões éticas.

A nossa questão desencadeadora foi *como avalias o teu estágio?* E, tratando-se de uma interação face a face, seguidamente, tivemos outras questões de esclarecimento que deixavam, mas para se evitar discursos muito longos e repetitivos foi necessário termos questões focalizadoras que traziam “o discurso para o foco desejado na pesquisa, quando a digressão se prolonga demasiadamente” (Szymanski, 2008, p. 46). Dentre estas questões, podemos aqui apontar as seguintes *quais são os problemas/desafios encontrados e vividos durante o estágio? como os resolveu/ultrapassou? quais são pontos convergentes e divergentes vivenciados com o professor titular, sobretudo, a planificação e ministração da aula? após o estágio, ainda pensas ser professor pelo MED<sup>3</sup>?*

#### **4.1. Constituição dos participantes e Procedimentos de análise**

A nossa população conta com estudantes do curso de Ensino de Língua Portuguesa, 3.º ano, período pós-laboral, ano letivo 2020/2021. Em termos numéricos, a mesma era composta por 41 estudantes. Selecionamos, aleatoriamente, uma amostra de 10, que passamos, doravante, a considerar por participantes, correspondendo a 24,39% dos alunos. Deste grupo, quatro participantes já eram professores efetivos no MED, estando apenas, a fazer o curso de graduação para aumentar o seu desempenho profissional. A faixa etária dos participantes é de 22 a 49 anos de idade. De modos a estabelecer uma igualdade numérica em termos de género, e sendo que os participantes haviam sido distribuídos em dez escolas diferentes, cinco do I e cinco do II ciclo respetivamente, selecionamos dois participantes no I ciclo e três no II ciclo. Quanto às estagiárias, duas foram selecionadas no II ciclo e três do I ciclo. A nossa opção é fundamentada pelo facto de a maior parte dos rapazes estagiarem nas escolas do II ciclo e as meninas nas escolas do I ciclo, por opção própria das mesmas.

Para melhor compreensão e por formas a manter o carácter anonimato dos nossos participantes, codificamos os nomes masculinos por M1 a M5 e os nomes femininos por F1 a F5. As perguntas aplicadas eram todas abertas, ou seja, visavam colher os pontos de vistas de cada um por meio de fundamentação. A nossa análise cingiu-se nos recortes feitos das declarações que os participantes deram à questão desencadeadora e às

---

<sup>3</sup> Ministério da Educação

Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante.. focalizadoras. Pois, pensamos que essas conseguiram trazer subsídios as suas bases acadêmico-metodológicas para enfrentar o estágio, bem como o nível da sua motivação após o mesmo.

A análise e discussão foram feitas apresentando, primeiramente, as declarações dadas sobre a pergunta desencadeadora e, seguimos apresentando as das demais perguntas. Por formas a evitar declarações idênticas e repetitivas, apresentamos em cada pergunta apenas um único recorte de um dos nossos participantes, por foras a cumprimos as normas da revista quanto ao número de páginas.

#### **4.2. Análise e discussão do trabalho empírico**

Quanto à primeira pergunta, onde temos recortes como

No ponto de vista geral, considero que o meu estágio foi uma experiência de aprendizagem, bastante agradável no que concerne a junção da teoria com a prática. (M2)

Na verdade, no início, pareceu-me ser difícil, mas depois fui-me adaptando a essa realidade e contornado alguns obstáculos. (F1)

Face a esses e outros recortes das entrevistas dos participantes, consideramos que as práticas pedagógicas proporcionam um grande desafio e satisfação aos futuros professores em formação, porquanto, numa primeira fase apresentaram alguma ansiedade, medo e nervosismo, que tão logo superados, os participantes ganham motivação e prazer de exercer a docência. Ouviu-se também que adaptação participantes nas escolas/turmas não aconteceu de forma simultânea, ou seja, para uns em uma ou duas semanas já se sentiam em casa, mas para os outros, foi necessário até um mês. Sobre isso, vale admitir que “cada escola é uma instituição ímpar, que se diferencia através de sua estrutura organizativa, dos profissionais que lá atuam e pelo contexto social e político que a envolve” (Souza, 2007, p.146).

O absentismo de alguns professores titulares, a falta de diálogo entre esses com os participantes, sobretudo a falta de bibliotecas escolares funcionais foram apontadas como estarem na base de adaptações tardias de alguns participantes. Vão, a seguir, o seguinte recorte:

O meu estágio não foi dos melhores, estive longe das minhas expectativas. Mas, nem tudo foi ruim, pese embora, esteja muito longe daquilo que se pretendia alcançar. As dificuldades foram inúmeras, desde o acesso a alguns meios de ensino que muito se exigia em formato físico até ao momento da ministração das aulas. (F5) .

Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante..

Quanto aos problemas ou desafios vividos durante o estágio, os participantes relatavam problemas internos e externos da realidade escolar. Os internos referiam, por exemplo, “a escassez de estratégias e recursos de ensino-aprendizagem” (M1), face a muitos conteúdos complexos por parte de alguns professores titulares.

Pouca participação dos alunos em algumas aulas. Notei uma certa insegurança quanto ao domínio do conteúdo por parte da professora da turma. (M3)

No primeiro dia, os alunos tentaram sabotar a aula usando expressões não apropriadas na sala de aula, enquanto eu tentava explicar a matéria. (M5)

A falta de hábito da leitura dos alunos; o atraso por parte dos alunos. (F4)

Tendo em conta estes e tantos outros desafios relatados, pensamos que a vontade de superação que todos os participantes carregavam ajudou-os a ultrapassar tais desafios. Bento e Portugal (2019) dizem que “a apetência para atitudes reflexivas e auto-avaliativas, incluindo a capacidade de pôr em questão a qualidade da sua ação e a capacidade de arriscar novas formas de atuar em educação, são dimensões cruciais na promoção de inovação pedagógica sustentável” (p.99). Observamos e pudemos (como supervisores) presenciar algumas situações menos boas que poderiam ter sido levantadas para se trocar de turma ou escola, mas surpreendentemente, quando menos esperávamos, em pouquíssimo tempo, tudo já estava resolvido, graças ao empenho dos participantes na busca de soluções. Na questão sobre pontos convergentes e divergentes vivenciados com o professor titular, sobretudo a planificação e a ministração de aulas, foram declaradas algumas situações como vemos nos recortes:

Divergimo-nos no momento da aplicação de avaliações contínuas. Parecia que o titular não tinha o hábito de avaliar os alunos em cada aula, o que eu achava anormal, pois as avaliações têm um pendor significativo para a estimulação dos alunos. (M1)

Dava-me muitos conselhos de que precisava. Ainda me recordo quando uma vez disse, “não tenhas medo absolutamente de ninguém, precisas primeiro de ter o domínio da matéria, e o resto se resolve facilmente, lá, na sala, com os teus alunos. Convergíamos nos meios de ensino, mas nos métodos nem sempre tivemos os mesmos pontos de vistas no momento da planificação. (F2)

Em nenhum momento planificamos uma aula com o professor tutor ou com o coordenador de disciplina, isto é, por alegadas ausências constantes do coordenador e atraso. Eram-me fornecidos os temas e subtemas das aulas, e a partir daí, eu planificava as minhas aulas. (M1)

Divergíamos no momento da planificação, mas o consenso sempre chegava. (F3)

Existiram, de facto, divergências, mas também convergências entre os participantes e professores titulares. A interação entre os pares foi sempre muito importante para se selecionar diferendos. Pensamos que os debates levantados,

Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante.. sobretudo nas planificações dos conteúdos semanais ou quinzenais fortaleceram a percepção da maioria dos participantes sobre determinados conteúdos. Porém, foi-nos reportado pelo M1 que nunca teve o privilégio de vivenciar esse momento, enquanto estagiário, perdendo, assim, a oportunidade de juntar a teoria com a prática, que era o objetivo primordial do estágio, tal como apontam Paniago e Sarmiento (2015):

O estágio é um espaço fértil para o desenvolvimento profissional da docência, para o encontro com as práticas de ensino, com o contexto escolar, com professores e alunos. Por meio desse movimento, da vivência e de diferentes relações estabelecidas, os/as estagiários / as vão construindo a sua identidade profissional. (p. 82)

Pese embora fosse um estágio supervisionado, não estava dispensada a presença dos professores titulares durante o processo, uma vez que os mesmos carregam experiências de que os mais novos na docência sempre precisam.

Na última etapa da nossa entrevista, retirando o M4 que disse ser professor efectivo no MED, focamo-nos em saber aos demais participantes, se após toda aquela experiência de que foram submetidos, ainda pensavam seguir a carreira docente, onde recortamos os seguintes trechos:

Ganhei muita experiência e uma vontade enorme de trabalhar como o professor, porque a experiência vivida lá no estágio foi tão boa que eu gostaria de repetir, não apenas como estagiário, mas sim, como professor titular. (M5)

Depois da experiência que ganhei, agora sim, quero continuar a ser professora. (F2)

Sim, após o estágio penso ser professora pelo MED. Pretendo continuar com a escolha, pois a experiência obtida foi agradável. (F4)

No grupo de participantes, tivemos um relato contrário relativamente aos demais, tal como podemos ver no recorte a seguir:

Não, não pretendo ser professora após o estágio. Foram muitas dificuldades encontradas e que não foram superadas. Por essas dificuldades encontradas, seria estranho continuar desejando ser professora pelo MED, tive a clareza de que é uma profissão bastante complexa, após o estágio tive mesmo a certeza. Porém, estando neste curso, vou continuar até ganhar a paixão pela profissão. (F5)

Surpreendeu-nos, como observadores, ao ouvir tal declaração da estudante F5, pois tanto a observação por nós realizada no decurso de todas as actividades, quanto as fichas de avaliação de desempenho do estagiário, que o seu professor titular ia nos fornecendo a cada final de semana, não apontavam dificuldades que possamos considerar como sendo graves, aliás estávamos cientes de que todos poderiam vivenciar

Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante.. alguma experiência menos agradável, mas que a equipa estava ciosa para superar os desafios que viessem a surgir.

Pensamos que poderá estar na base de um “meio-não” à carreira docente, questões alheias ao processo de formação como professor e desempenho profissional, mas sim àquelas que têm que ver com as condições das próprias infraestruturas escolares, a indisponibilidade de material para apoio docente e discente, condições salariais entre outras. Também, reconhecemos que tal posição poderia ter sido manifestada por muitos docentes já funções no MED, por causa das recorrentes tensões entre esse departamento ministerial e os sindicatos da classe docente, pois diga-se que em Angola, “o parente mais pobre é o professor”.

### **Considerações finais**

Concluída a realização deste trabalho, que decorreu durante três meses, é possível, desde já, descrever algumas reflexões que fizemos a respeito do mesmo. O acompanhamento que temos realizado aos estudantes (participantes) nas diversas escolas de aplicação sediadas na cidade do Dundo têm mostrado que, muito ainda há por se fazer, no que toca, as metodologias adotadas no ensino, sobretudo, de LP. Metodologias essas que nos remetem a arcaísmos, tornando os problemas imutáveis ano após ano.

A análise realizada leva-nos a considerar que alguns participantes, face a sua preparação teórico-metodológica em termos de planificação das actividades docentes, conseguiram fazer juízo de valor do processo em que estavam submetidos, pois declaravam que alguns professores eram tão fechados que chegavam a recusar as planificações inovadoras das aprendizagens que os participantes apresentavam, ou seja, ao serem participantes eram obrigados a utilizar um modelo de planificação das aulas do professor titular, mesmo quando evidenciavam fortes incoerências na sua materialização.

Pensamos que a cadeira de prática pedagógica na EPD deveria ser mais olhada com muita atenção, uma vez que serve como grande ferramenta estimuladora da profissão para a qual os alunos estão sendo formados. O facto de os professores e os estudantes, nessa fase, não serem contemplados com transporte para facilitar a sua locomoção tem feito com que, por exemplo, o nível de supervisão dos estágios, em todos os cursos, não seja exercido tal qual o desejado.

Consideramos que os objetivos propostos para esta investigação foram alcançados na medida em que, não obstante a observação do processo, as entrevistas aumentaram o

Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante..  
nosso nível de percepção sobre a motivação dos participantes após o exercício do estágio profissional, uma atividade complexa que foi apenas possível, graças à colaboração de todas as escolas do ensino secundário da cidade do Dundo, sede da provincial da Lunda Norte, Angola.

## Referências

- Bardin, L. (2008). **Análise de conteúdo**. Edições 70, Lda.
- Bento, G., & Portugal, G. (2019). Uma reflexão sobre um processo de transformação de práticas pedagógicas nos espaços exteriores em contextos de educação de infância. **Revista Portuguesa de Educação**, v.32, n.2, p. 91-106.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v.3, n.2, p.77-101.
- Cervo, A. L., Bervian, P. A., & Da Silva, R. (2014). **Metodologia Científica**. 11.ed. Pearson Education do Brasil Ltda.
- Decreto Presidencial nº205/18, de 3 de setembro, que aprova o Programa Nacional de Formação e Gestão do Pessoal Docente. (2018). Diário da República: I Série, n.º135. <https://candidaturas.med.gov.ao/pdf/Dec.%20Pres.%20n.%C2%BA%20205-18.pdf>.
- Flores, M. A., Vieira, F., & Ferreira, F.I. (2014). Formação inicial de professores em Portugal: problemas, desafios e o lugar da prática nos mestrados em ensino pós-Bolonha. In: M. C. Borges & O. F. Aquino (Eds.). **A formação inicial de professores: olhares e perspectivas nacionais e internacionais**, Uberlândia: EDUFU. p. 61-96.
- Garcia, C. M. (1999). **Formação de Professores para uma Mudança educativa**. Porto: Porto Editora.
- Lei 17/16, de 8 de Outubro, Lei de Bases do Sistema de educação e Ensino, que estabelece os princípios e as bases do sistema de educação e ensino. (2016). Diário da República: I Série, n.º170.
- Libâneo, J. C. (2006). **Didática**. São Paulo: Cortez.
- Marconi, M. d., & Lakatos, E. M. (2003). **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas S.A.
- Marques, M. H. (1986). **Técnica de entrevista**. Serviços Sociais da UTAD.
- Paniago, R. N., & Sarmiento, T. J. (2015). O processo de estágio supervisionado na formação de professores portugueses e brasileiros. **Revista Educação em Questão**, v.53, nº39, p.76-103.
- Pilleti, C. (2004). **Didáctica geral**. São Paulo: Ática.



Francisco Sérgio M. Mabilia, Nelson M. Chimbili, Prática Pedagógica uma ferramenta importante..  
“Processo Ensino-Aprendizagem”. (s.d.). <https://www2.unifap.br/midias/files/2012/04/O-Processo-Ensino-Aprendizagem.pdf>.

Sousa, J. M. (1997). Investigação em educação: novos desafios. In: A. Estrela & J. Ferreira (Eds.), **Métodos e técnicas de investigação científica em educação**. (pp. 661-672). AFIRSE Portuguesa.

Souza, G. A. (2007). **Contributo para o estudo da formação inicial do professor: Um estudo comparativo em torno da inovação curricular**. Tese de doutoramento. Repositório Institucional da Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8061/1/Tese%20de%20Gleicione%20souza.pdf>.

Strauss, A., & Corbin, J. (2008). **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. São Paulo: Artmed Editora S.A.

Szymanski, H. (2008). Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In H. Szymanski (Ed.), L. R. de Almeida, & R. C. A. R. Prandini. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva** (pp. 9-61). Liber Livro Editora.

Tavares, R. H. (2011). **Didática Geral**. UFMG



Recebido em: 11/10/2022

Aceito em: 20/12/2022

**Para citar este texto (ABNT):** MABIALA, Francisco Sérgio Manuel; CHIMBILI, Nelson Miguel. Prática Pedagógica uma ferramenta importante para a formação de professores em Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº1, p.350-366, jan.- jun. 2023.

**Para citar este texto (APA):** Mabilia, Francisco Sérgio Manuel; Chimbili, Nelson Miguel. (jan./jun.2023). Prática Pedagógica uma ferramenta importante para a formação de professores em Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (1):350-366.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>